

## A AZM E O II CONGRESSO DE QUADROS E DIRIGENTES ASSOCIATIVOS DA DIÁSPORA

### 1. Uma perspectiva da Cabo-verdianidade

Ao longo de toda a nossa existência como povo a Cabo-verdianidade tem ocupado, sem dúvida, o centro do universo das nossas preocupações.

O debate suscitado por essa temática, sempre apaixonante e constantemente renovado, tem sido umas vezes fascinante e clarificador e, outras vezes, controverso e inconclusivo.

Uma busca incessante das nossas origens, das nossas raízes, de um quadro de valores genuinamente nossos, numa palavra, de uma identidade, induzida quiçá pelas necessidades de pertença e afirmação na relação com o outro, terá contribuído, provavelmente, para que inicialmente e por um longo período de tempo se privilegiasse no debate a perspectiva histórico-cultural dessa problemática. Ainda hoje, nalguns círculos, a Cabo-verdianidade esgota-se nessa perspectiva.

De maneira alguma se deve ignorar ou minimizar a contribuição dessa fase inicial do debate. Tanto mais que, este primeiro passo foi necessário e decisivo para que as outras etapas fossem atingidas.

Criada que estava a condição fundamental : o assumir de uma Cabo-verdianidade na sua perspectiva histórico-cultural, não se revelou difícil o equacionamento da problemática numa nova dimensão: a dimensão política.

A independência culminou um processo evolutivo de uma Nação que atingiu a sua fase política organizada sob a forma de um estado soberano.

A emergência dessa nova realidade conduziu à transformação lógica da Cabo-verdianidade numa Cidadania que gradualmente se aprofunda e se alarga.

O conceito de Cabo-verdianidade, qualquer que seja a perspectiva da sua análise, pressupõe sempre a existência de uma comunidade, ocupando um determinado espaço. Se é verdade que a criação do estado cabo-verdiano fixou como nosso "chão" as dez ilhas, os ilhéus e o mar que os rodeia, no nosso imaginário essas fronteiras não existem. No nosso simbolismo de povo moldado na confluência de fluxos migratórios (não importa aqui analisar as razões que os determinaram) e impellido inexoravelmente pelas circunstâncias adversas do meio ambiente a assumir a mobilidade como traço marcante do seu viver e ser, esse conceito de território estende-se a todas as partidas do mundo e impõe uma definição de povo Cabo-verdiano como uma comunidade resultante de uma relação dinâmica entre várias outras pequenas comunidades de cabo-verdianos espalhados por essas tantas partidas do mundo.

A nossa afirmação como povo já não pode ser essencialmente de natureza reactiva, ditada pela relação com o outro. Deve sim, cada vez mais, pautar-se por uma atitude de natureza proactiva que terá como suporte as relações intercabo-verdianas e de intracabo-verdianidade. Essa afirmação passa pela definição clara do tipo dessas relações, considerando sempre o cabo-verdiano na sua condição de sujeito pertencente simultaneamente a uma ou algumas das pequenas comunidades acima referidas e à grande Comunidade. Trata-se de potenciar todas as experiências positivas e todas as sinergias disponíveis que possam viabilizar a concretização da gigantesca tarefa a que todos metemos ombro: assegurar as condições de existência de uma Nação digna, solidária, justa e para a qual a prosperidade deixe de ser uma miragem.

O debate da Cabo-verdianidade, na actualidade, deve continuar a aprofundar as perspectivas anteriormente referidas. Em primeiro lugar, porque irá contribuir para a contínua construção de um quadro de referência global e coerente. Em segundo lugar, porque as vertiginosas transformações que se operam no nosso planeta colocam enormes desafios aos pequenos países e culturas com as fragilidades de que padecemos.

Em nosso entender, um papel central deverá ser conferido à problemática do desenvolvimento sócio-económico, o único garante da sustentabilidade da dimensão histórico-cultural da Cabo-verdianidade e do aprofundamento e alargamento do conceito de cidadania a que esta deu origem.

## 2. O II Congresso de Quadros e Dirigentes Associativos Cabo-verdianos da Diáspora

O II Congresso de Quadros e Dirigentes Associativos Cabo-Verdianos da Diáspora, a ter lugar na cidade do Mindelo, entre os dias 15 e 18 de Abril do corrente ano, a nosso ver, corporiza a ideia do novo estilo e da nova metodologia que se espera ver introduzidos no debate da Cabo-verdianidade.

Sob o lema **"A Cabo-verdianidade, uma força para a acção"**, cerca de 300 Quadros e Dirigentes Associativos da Diáspora, naturais de todas as ilhas de Cabo-Verde, contam poder, durante 3 dias, juntamente com todos os Quadros Cabo-verdianos Residentes que assim o pretenderem, transformar o congresso num espaço de diálogo que se espera vir a constituir-se em processo interactivo de busca de caminhos de entendimento e boa cooperação para o desenvolvimento de Cabo Verde.

No centro do debate estarão dois temas fundamentais, a saber:

- A Diáspora nos países de destino
- Os Quadros e Dirigentes Associativos da Diáspora e o desenvolvimento de Cabo Verde.

Uma série de subtemas complementarão e aprofundarão aqueles temas fundamentais.

Os vários temas serão apresentados em conferências, painéis e "workshops", por eminentes conferencistas e intelectuais cabo-verdianos da Diáspora e Residentes.

O congresso tem o alto patrocínio de Suas Excelências os Senhores Presidente da República e Primeiro Ministro.

Conta igual e naturalmente com o alto patrocínio e apoio do Senhor Presidente da Câmara Municipal de S. Vicente.

Os Senhores Presidentes de todas as Câmaras do País serão convidados a estar presentes e a apoiar esta iniciativa.

O acolhimento favorável que a ideia do evento recebeu, ao mais alto nível, quer das autoridades nacionais quer das locais, testemunha inequivocamente a importância e a oportunidade que se devem atribuir ao mesmo.

A associação Zé Moniz, ainda que de forma modesta, não quis deixar de dar a sua contribuição.

Do mesmo modo, um grupo de cidadãos residentes no Mindelo disponibilizou-se para coordenar e preparar toda a logística necessária à organização do congresso.

Assim, é na qualidade de representante nacional da Comissão Organizadora do Congresso que a Associação Zé Moniz exorta a sociedade Cabo-verdiana a saudar efusivamente a ideia da realização do evento e pela primeira vez em Cabo Verde.

Aos técnicos Cabo-Verdianos Residentes, em particular, a AZM endereça o seu apelo no sentido de uma participação efectiva e proficua, por forma a assegurar a consecução dos objectivos e o sucesso almejados.

Praia, 19 de Março de 1998